PERCEPÇÃO DOS PAIS SOBRE A APLICAÇÃO DO TUMMY TIME EM BEBÊS DE 0 A 6 MESES

PARENTS' PERCEPTION OF TUMMY TIME FOR BABIES AGED 0 TO 6 MONTHS

DOI: https://doi.org/10.56238/rebeisv1n11-007

Data de submissão: 16/05/2026 **Data de Publicação:** 21/09/2026

Gabriel da Fonseca [1]
Carla de Oliveira Lazzarin [2]

RESUMO: O *tummy time* é uma prática essencial para o desenvolvimento motor, pois fortalece a musculatura do pescoço e das costas, promovendo maior competência dos bebês na conquista de marcos motores. Além disso, o tempo em que os bebês permanecem na posição prona contribui para a prevenção de alterações, como assimetrias cranianas, provocadas pela permanência em decúbito dorsal por longos períodos. No entanto, os responsáveis ainda demonstram relutância em aderir ao *tummy time*, seja pelo desconforto do bebê, medo ou falta de informações sobre os benefícios do exercício. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo investigar a percepção dos pais sobre a aplicação do *tummy time* em bebês de 0 a 6 meses, residentes no município de Cascavel, Paraná. Trata-se de uma pesquisa de delineamento transversal, com abordagem qualitativa e descritiva, a coleta de dados foi realizada por meio de um formulário elaborado pelos autores, com questões voltadas ao conhecimento, frequência e reações observadas durante a prática, aplicado de forma virtual via Google Forms, no primeiro semestre de 2025. Com os dados obtidos, foi possível identificar que a maioria dos pais já possui conhecimento prévio e não encontram dificuldades em realizar o *tummy time*.

Palavras-chave: Decúbito ventral; Desenvolvimento do lactente; Posição prono; Desenvolvimento psicomotor.

ABSTRACT: Tummy time is an essential practice for motor development, as it strengthens neck and back muscles, thereby enhancing infants' ability to achieve motor milestones. Furthermore, time spent in the prone position helps prevent conditions such as cranial asymmetries caused by prolonged periods spent lying on the back (supine position). However, caregivers often show reluctance to adopt tummy time, whether due to the infant's discomfort, fear, or a lack of information regarding the exercise's benefits. Given this context, the present study aimed to investigate parental perceptions regarding the practice of tummy time with infants aged 0 to 6 months residing in the municipality of Cascavel, Paraná. This was a cross-sectional study employing a qualitative and descriptive approach; data collection was conducted using a questionnaire developed by the authors—covering knowledge, frequency, and observed reactions during the practice—and administered online via Google

[1] Acadêmico do Curso de Fisioterapia Gabriel da Fonseca – Fisioterapia da UNIVEL – Centro Universitário UNIVEL;

[2] Professora Especialista do Curso de Fisioterapia – Centro Universitário UNIVEL.

Forms during the first half of 2025. The results indicated that the majority of parents already possessed prior knowledge and encountered no difficulties in performing tummy time.

Keywords: Prone position; Infant development; Prone position; Psychomotor development.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano se inicia a partir do nascimento, e conforme o bebê cresce passa a adquirir novas habilidades para sua sobrevivência. À medida que essas habilidades são adquiridas, a criança reduz seu nível de dependência por meio do desenvolvimento neuropsicomotor. No entanto, esse desenvolvimento é um processo longo e complexo que depende tanto de fatores genéticos quanto socioambientais e econômicos (Madsen *et al.,* 2023). A forma como a maturação ocorre é individual e repercute no futuro da criança, de acordo com aspectos sociais, culturais e intelectuais (Greco *et al.,* 2020), à medida que o bebê se desenvolve, espera-se que sua idade motora acompanhe sua idade cronológica, permitindo que novas habilidades sejam adquiridas progressivamente. O desenvolvimento infantil depende da interação entre fatores biológicos e ambientais, sendo influenciado pelas experiências vivenciadas desde os primeiros dias de vida. Dessa forma, a oferta de estímulos adequados favorece a maturação do sistema nervoso e contribui para que a criança desenvolva suas capacidades motoras de forma compatível com a idade esperada (Tecklin *et al*., 2019).

No primeiro ano de vida do bebê, ocorrem marcos motores importantes para a evolução do desenvolvimento neuropsicomotor. Aquisições motoras como: agarrar, engatinhar, sentar-se e andar, entre outras habilidades que o bebê desenvolve durante sua infância, são a base do aprimoramento das práticas corporais. Nos primeiros três meses de vida, estima-se que inicie o controle do pescoço, aprimore os reflexos, reconheça vozes familiares e inicie o sorriso social. No segundo trimestre, é esperado que ele passe a levar as mãos à linha média do corpo, pivoteie, sente-se com apoio e transfira objetos de uma mão para outra (Tecklin *et al*., 2019). Nos três primeiros meses de vida, estima-se que o crescimento esteja voltado para o atendimento das necessidades básicas, como alimentação, sono, movimentação e sensação de segurança e conforto. Nesse período, atividades que envolvam contato físico e interação entre os pais e o bebê proporcionam estímulos motores fundamentais para o desenvolvimento neuropsicomotor (Costa *et al*., 2023).

Do sétimo ao nono mês, espera-se que o bebê comece a engatinhar e a sentar sozinho, adquirindo maior controle sobre a postura, cada vez mais dominando as rotações e atingindo maior eficiência e liberdade para brincar na posição sentada. Nessa fase, ele também passa a fazer a posição de quatro apoios. Entre os dez e doze meses, os bebês começam a gastar mais energia, com o máximo de independência para se locomover, aperfeiçoando o engatinhar, o que possibilita maior mobilidade e exploração do ambiente. Posteriormente, eles dão seus primeiros passos durante esse período, o fortalecimento do equilíbrio, do controle de tronco e da pelve torna-se essencial para que o bebê adquira maior estabilidade corporal e esteja preparado para alcançar os marcos motores subsequentes. Cada habilidade desenvolvida serve de base para a aquisição da próxima, tornando a estimulação adequada um fator importante durante todo o primeiro ano de vida (Costa *et al.,* 2023), durante todo esse processo, as experiências vivenciadas pelo bebê tornam-se essenciais para a aquisição dos marcos motores. Atividades que envolvem contato físico, interação com os cuidadores e exploração do ambiente proporcionam estímulos importantes para o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas e sensoriais. Além disso, o

fortalecimento do equilíbrio e do controle de tronco adquirido nos primeiros meses de vida constitui a base para movimentos mais complexos que serão desenvolvidos posteriormente, como sentar, engatinhar e caminhar (Costa *et al*., 2023).

O estímulo dos pais é fundamental para que o desenvolvimento ocorra de forma adequada, e a prática de exercícios contribui positivamente para que os marcos motores sejam atingidos de acordo com a idade cronológica esperada (Hewitt *et al*., 2020). Além disso, um ambiente com maior oferta de estímulos favorece a exploração do espaço, o contato com brinquedos e a realização de diferentes movimentos, reduzindo as chances de atrasos motores. Em contrapartida, ambientes desfavoráveis, associados a limitações socioeconômicas e à menor disponibilidade dos pais para participar das atividades diárias da criança, podem comprometer o desenvolvimento das habilidades motoras (Greco *et al*., 2020). Da mesma forma, o ambiente em que a criança está inserida exerce influência direta sobre seu desenvolvimento. Ambientes ricos em estímulos, com espaço para exploração, brinquedos apropriados e participação ativa dos pais ou cuidadores, favorecem a aquisição das habilidades motoras e reduzem as chances de atraso no desenvolvimento. Em contrapartida, fatores como baixa condição socioeconômica, escassez de recursos lúdicos e menor disponibilidade dos responsáveis para estimular o bebê podem limitar essas experiências, interferindo negativamente na evolução do desenvolvimento neuropsicomotor (Greco *et al*., 2020).

O *tummy time*, ou tempo de bruços, é o período em que o lactente permanece deitado de barriga para baixo, sob supervisão dos pais ou cuidadores. A posição prona é uma prática importante para o desenvolvimento infantil, pois fortalece a musculatura extensora da coluna e os músculos envolvidos na movimentação do ombro, cotovelo e mãos, o que auxilia o bebê a alcançar os futuros marcos motores necessários para o seu dia a dia. Além disso, esse exercício ajuda a prevenir alterações como assimetrias cranianas, decorrentes do achatamento do crânio por permanecer em uma única posição. Entre essas alterações, a que mais se destaca é a plagiocefalia, que pode levar ao torcicolo posicional (Graciosa *et al.,* 2018).

No entanto, ainda há resistência por parte dos pais em colocar seus filhos de barriga para baixo, seja por medo ou falta de conhecimento sobre essa prática. É comum que os pais relatem que os bebês choram e se sentem desconfortáveis durante o *tummy time*. Isso pode acabar frustrando-os, levando-os a interromper essa atividade com seus filhos por não encontrarem um equilíbrio entre a segurança e o conforto da criança. Essa interrupção pode acarretar consequências futuras no desenvolvimento infantil (Fernandes *et al*., 2023). Entre os fatores que contribuem para essa resistência está a associação histórica da posição prona ao risco de morte súbita infantil, o que ainda gera insegurança entre muitos pais e cuidadores. Embora atualmente a recomendação seja que o bebê durma em decúbito dorsal, o *tummy time* deve ser realizado somente com a criança acordada e sob supervisão constante, sendo considerado uma prática segura e amplamente recomendada para favorecer o desenvolvimento infantil (Hewitt *et al*., 2020).

Para tanto, este trabalho teve como objetivo investigar na perspectiva dos pais a prática do *tummy time* em bebês de 0 a 6 meses residentes do município de Cascavel, Paraná.

.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de delineamento transversal, com abordagem qualitativa e descritiva. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um formulário estruturado, composto por 10 perguntas, incluindo questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos participantes, como renda familiar e escolaridade dos responsáveis. Essas informações

contribuem para uma compreensão mais aprofundada das características das famílias participantes da pesquisa (Williams *et al*., 2023).

O formulário foi elaborado pelos pesquisadores com base na literatura científica sobre o *tummy time* e nos objetivos propostos para o estudo, buscando contemplar aspectos relacionados ao conhecimento dos responsáveis e à realização da prática no ambiente domiciliar. As perguntas foram organizadas de forma clara e objetiva, permitindo fácil compreensão pelos participantes e favorecendo o preenchimento completo do instrumento.

O formulário buscou identificar a idade dos bebês, o grau de escolaridade dos pais ou responsáveis e a renda familiar. Compreender a realidade de cada família é essencial para avaliar como fatores como escolaridade e condição socioeconômica podem influenciar o envolvimento com a prática do *tummy time*. Além disso, o questionário investigou o conhecimento prévio dos responsáveis sobre o tema, a frequência e o tempo de permanência do bebê em posição prona, a confiança dos pais na realização da prática e possíveis dificuldades encontradas durante sua aplicação. Essas informações permitiram identificar facilitadores e barreiras relacionados à realização do *tummy time* no contexto domiciliar.

As questões fechadas possibilitaram a obtenção de informações padronizadas para a caracterização da amostra e análise dos dados, enquanto a questão aberta permitiu que os participantes descrevessem, de forma livre, suas percepções e experiências relacionadas ao *tummy time*. Essa combinação de diferentes tipos de perguntas contribuiu para uma compreensão mais ampla dos fatores envolvidos na prática da posição prona pelos bebês.

Foram incluídos na pesquisa pais ou responsáveis por bebês com idade entre 0 e 6 meses, residentes no município de Cascavel-PR, que concordaram em participar do estudo mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os formulários preenchidos de forma incompleta ou respondidos por responsáveis de bebês fora da faixa etária estabelecida.

A participação na pesquisa foi voluntária, sem qualquer tipo de remuneração ou benefício financeiro aos participantes. O preenchimento do formulário ocorreu de forma anônima, garantindo a confidencialidade das informações fornecidas e preservando a identidade dos respondentes. Os dados coletados foram utilizados exclusivamente para fins científicos, respeitando os princípios éticos estabelecidos para pesquisas envolvendo seres humanos.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de março e maio de 2025, de forma online, por meio do envio do link do formulário via WhatsApp e da divulgação em perfil da rede social Instagram, facilitando o alcance do público-alvo da pesquisa. Antes de responder ao formulário, todos os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Após o encerramento do período de coleta, os dados obtidos foram organizados em planilhas eletrônicas para conferência, armazenamento e análise. Inicialmente, realizou-se a verificação da consistência das respostas, identificando formulários incompletos ou que não atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. Em seguida, procedeu-se à organização das informações para a elaboração das tabelas e gráficos utilizados na apresentação dos resultados.

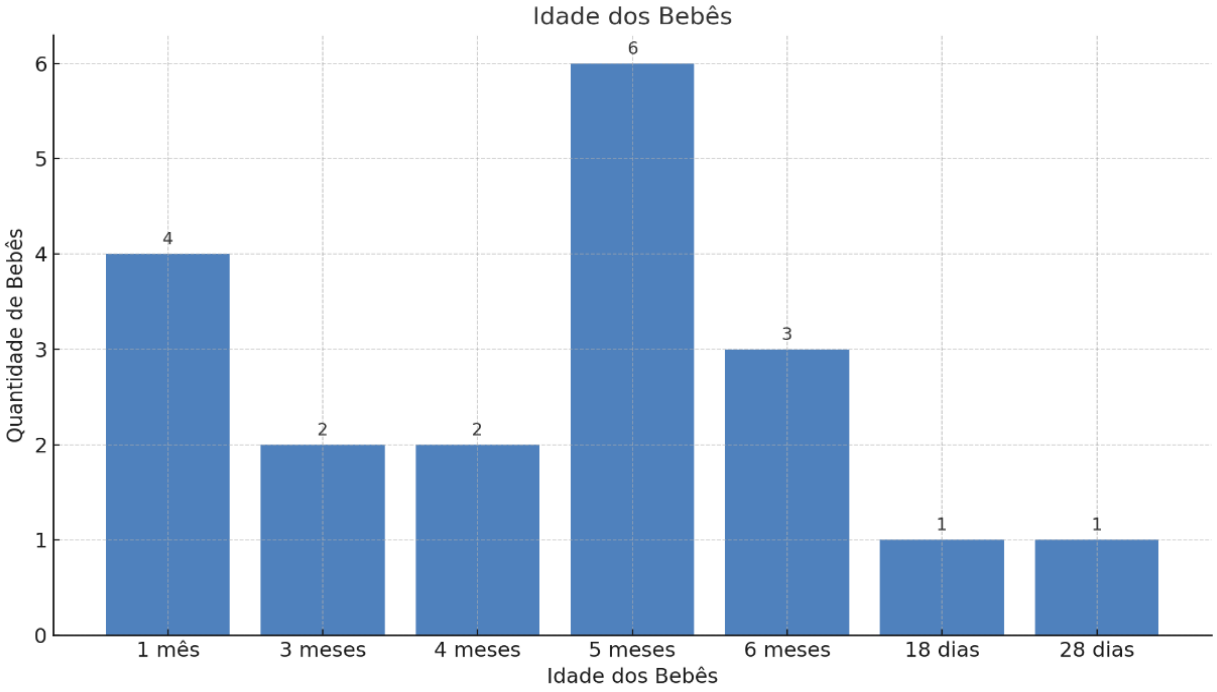
Este estudo foi realizado em conformidade com o protocolo submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Univel, sob CAAE nº 86779624.6.0000.0231 e parecer nº 7.423.289. Para a análise descritiva dos dados, foram utilizadas medidas de tendência central, como média, mediana e moda.

3 RESULTADOS

O total de respostas obtidas no estudo foi de 19 participantes; porém dois participantes tiveram que ser excluídos da amostra por não cumprirem os critérios de inclusão por terem bebês com mais de 6 meses de idade; assim a amostra final foi de 17 participantes.

A idade média dos bebês envolvidos na pesquisa foi de 3 meses, sendo 5 meses a faixa etária mais comum. Quanto à idade mínima e máxima, foi de 18 dias e 6 meses, respectivamente. A predominância de bebês nessa faixa etária demonstra que a amostra contemplou principalmente crianças que se encontram no período em que o *tummy time* é mais indicado para favorecer o fortalecimento da musculatura cervical e do tronco. Nessa fase, os lactentes estão em processo de aquisição dos primeiros marcos motores, tornando a estimulação precoce um importante recurso para favorecer o desenvolvimento neuropsicomotor.

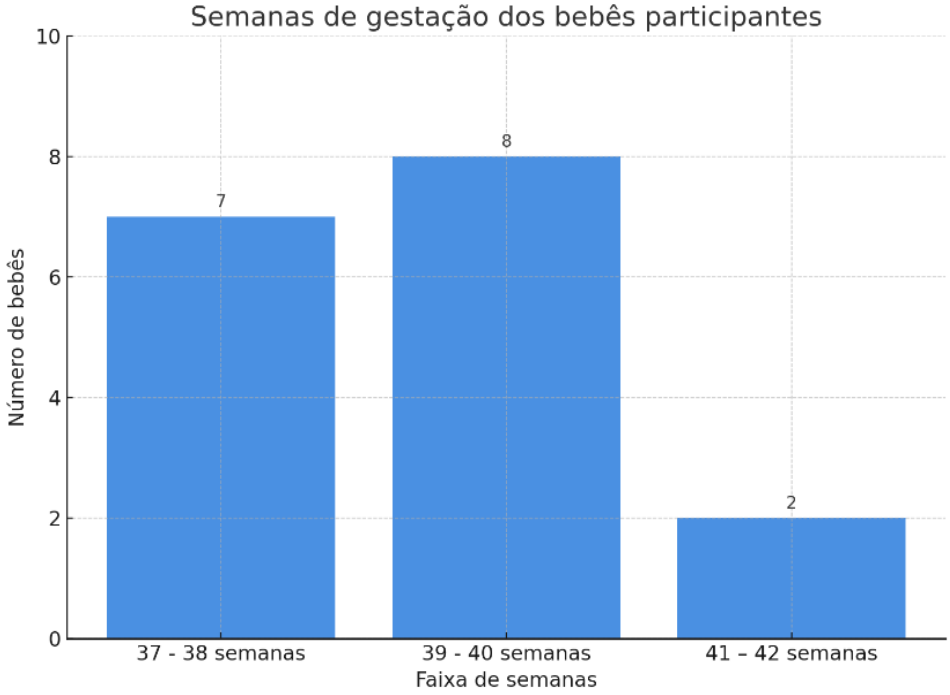
Gráfico 1- Faixa etária dos bebês incluídos no estudo.



(Fonte: autor)

Em relação a semanas de gestação na data de nascimento, houve uma frequência mais comum de 39/40 semanas; a menor idade gestacional observada foi de 37 a 38 semanas e a máxima foi de 41 a 42 semanas.

Gráfico 2- semanas de gestacionais dos bebês incluídos na pesquisa.

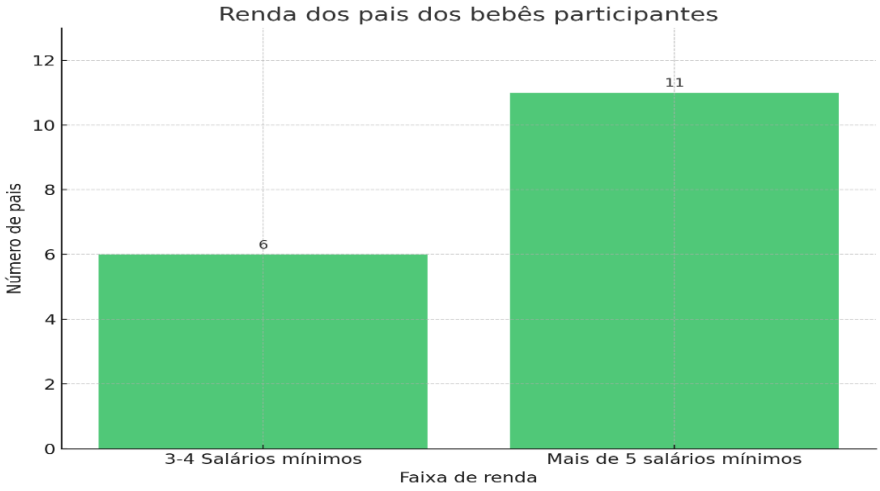


(Fonte: autor)

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos responsáveis do estudo, obteve-se uma frequência mais comum de pós-graduação ou mais; o menor nível de escolaridade dos responsáveis foi ensino fundamental e o maior foi pós-graduação ou mais. Esse perfil demonstra que a maior parte dos participantes possuía elevado nível de escolaridade, fator que pode favorecer o acesso a informações relacionadas ao desenvolvimento infantil e às recomendações sobre a prática do *tummy time*. Além disso, um maior nível de escolaridade pode contribuir para maior compreensão das orientações fornecidas pelos profissionais de saúde e maior adesão às estratégias de estimulação precoce.

Em relação à renda mensal dos responsáveis, a frequência mais comum foi de mais de 5 salários-mínimos; a menor faixa de renda relatada foi de 1 a 2 salários-mínimos e a máxima foi de 5 salários-mínimos ou mais. Esse perfil indica que a maior parte dos participantes apresentava uma condição socioeconômica mais elevada, o que pode favorecer o acesso aos serviços de saúde, às orientações profissionais e às informações relacionadas ao desenvolvimento infantil. Além disso, famílias com melhores condições socioeconômicas tendem a dispor de maior acesso a recursos que estimulam o desenvolvimento da criança, como brinquedos, espaços adequados para exploração e acompanhamento especializado, quando necessário.

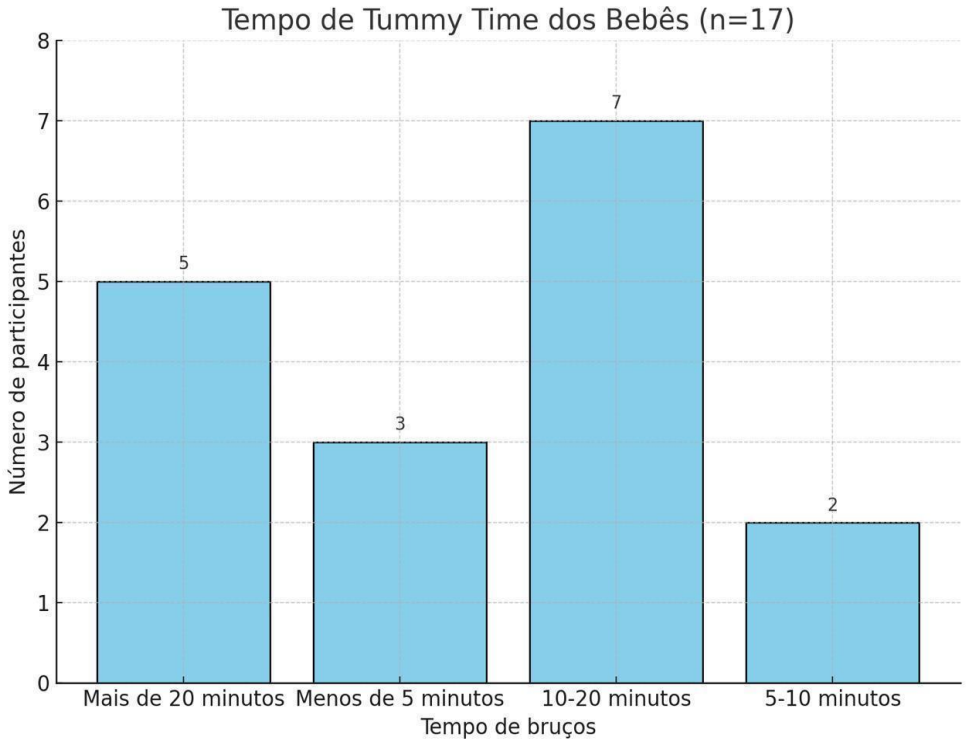
Gráfico 3 – Faixa de renda dos responsáveis dos participantes da pesquisa



(Fonte: autor)

Relativo ao tempo em que os bebês permaneciam em cada sessão da prática, a moda foi de 10 a 20 minutos por sessão, sendo que o menor tempo foi inferior a 5 minutos e o maior foi superior a 20 minutos. Esses resultados demonstram que a maioria dos responsáveis incorporou o *tummy time* à rotina dos bebês, realizando sessões com duração compatível com a tolerância da criança. A variação observada entre os participantes pode estar relacionada à idade dos bebês, ao nível de aceitação da posição prona e às características individuais de cada lactente, fatores que podem influenciar o tempo de permanência durante a prática.

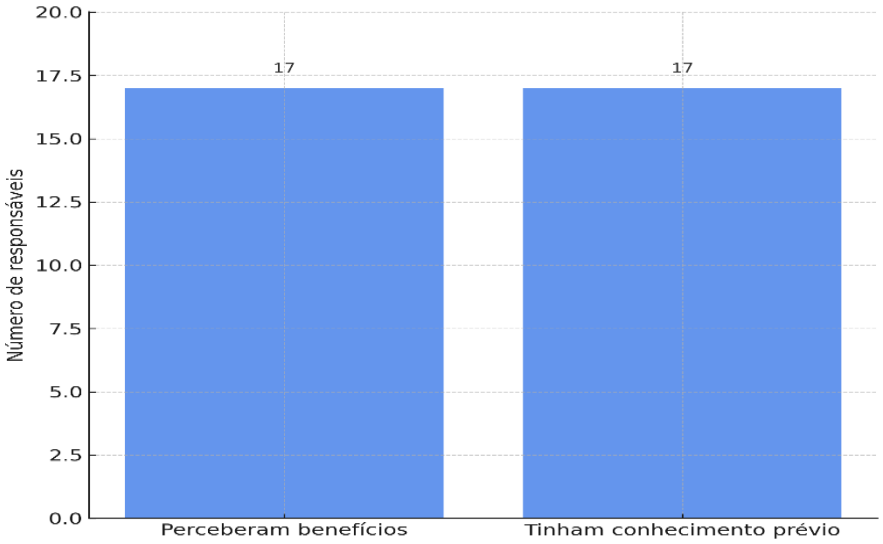
Gráfico 4 – Distribuição do tempo dedicado ao *tummy time*



(Fonte: autor)

Em relação à percepção dos responsáveis quanto aos benefícios da prática do *tummy time*, a resposta mais recorrente foi "sim", indicando que a maioria observou efeitos positivos decorrentes da realização da atividade. Esse resultado sugere que os responsáveis conseguiram identificar benefícios relacionados ao desenvolvimento dos bebês, o que pode favorecer a continuidade da prática no ambiente domiciliar. Quanto ao conhecimento prévio sobre o *tummy time*, a resposta mais frequente também foi "sim", demonstrando que a maior parte dos participantes já possuía informações sobre essa prática antes de participar do estudo.

Gráfico 5- responsáveis que perceberam benefícios, e se tinham conhecimento prévio.



(Fonte: autor)

Na questão sobre as dificuldades encontradas para realizar a prática do *tummy time*, observou-se média e moda correspondentes à resposta "não", indicando que a maioria dos responsáveis não apresentou dificuldades para realizar o exercício. No entanto, três dos 17 participantes relataram desafios durante a prática: um informou que o bebê apresentava muito refluxo durante *o tummy time*, enquanto os outros dois relataram que os bebês demonstravam desconforto e irritabilidade ao permanecerem na posição prona. Esses achados demonstram que, embora a prática tenha sido bem aceita pela maior parte dos participantes, alguns bebês apresentaram dificuldades que podem interferir na sua realização. Por fim, quando questionados sobre a confiança para realizar o *tummy time*, observou-se que a frequência mais comum e a média corresponderam à resposta "sim", indicando que todos os 17 responsáveis se sentiam confiantes para realizar a prática. Esse resultado sugere que os participantes possuíam segurança para posicionar seus bebês em decúbito ventral, favorecendo a realização do *tummy time* no ambiente domiciliar.

4 DISCUSSÃO

Este trabalho buscou investigar na perspectiva dos pais a prática do *tummy time* em bebês de 0 a 6 meses residentes do município de Cascavel – PR. Participaram 17 pais de bebês com a média de 3 meses de vida, com o nível de educação prevalente de pós-graduação e renda média de 5 salários-mínimos.

Silva e colaboradores, (2020), que pesquisaram sobre o medo em colocar os bebês em decúbito ventral de 6 a 12 meses, no nordeste do Brasil, em uma amostra de 41 participantes, identificaram que 70,70% dos responsáveis tinham medo de posicionar seus bebês em decúbito ventral, já no presente estudo todos os responsáveis relataram que se sentem confiantes para realizar a posição em decúbito ventral, quando questionado aos pais sobre terem ouvido falar *do tummy time* 100% relatou que sim.

Na pesquisa conduzida por Kyeong Lee e colaboradores, (2020) os pais de 11 bebês com uma média de idade de 6 meses receberam instruções para realizar o *tummy time* com uma meta de 60 minutos diários, porém conseguiram apenas uma média de 50 minutos por dia, por sua vez, nesta pesquisa a frequência foi de 10/20 minutos por dia com a média de idade de 3 meses.

Inamdar e Khurana em 2025 discutiu a relação entre a idade e a tolerância ao *tummy time*, e relatou que bebês mais novos geralmente toleram sessões mais curtas, e que a insistência na prática do *tummy time* na rotina do dia a dia, a longo tempo pode se tornar menos desafiador.

No estudo de Kyeong Lee e colaboradores, (2020) o tempo de tolerância dos bebês foi maior que na atual investigação, o que enfatiza que a idade interfere no tempo de aceitação da atividade, visto que os participantes mais novos toleram por poucos minutos o exercício, indicando que a persistência em manter a atividade na rotina, a torna menos complexa e desafiadora.

O estudo de Felzer-Kim e colaboradores, (2020) selecionou 8 responsáveis com bebês de 0 a 1 ano de idade com o objetivo de explorar suas experiências e percepções relacionadas à prática do *tummy time*, que enfatizou que o responsáveis que perceberam melhora no desenvolvimento motor de seus filhos são mais motivados a manter a prática regularmente. Na atual pesquisa os 17 responsáveis também responderam que notaram melhora no desenvolvimento motor de seus filhos, o que está diretamente relacionado aos benefícios em deixar o bebê em decúbito ventral, como o fortalecimento da musculatura cervical e do tronco e exploração do ambiente, que facilitam a conquista de marcos motores futuros.

No estudo de Silva e colaboradores, (2020) foi relatado que no grupo de controle, onze bebês não atingiram os marcos motores esperados aos seis meses de idade, e três deles estavam em risco de atraso no desenvolvimento motor, o que reforça a importância do conhecimento sobre a prática do *tummy time,* que deve ser iniciada desde os primeiros meses de vida, visto que por medo os responsáveis não introduziram a atividade na rotina, o que pode ter resultado em atraso no desenvolvimento.

De acordo com Mendres-Smith e colaboradores (2020), que selecionaram 7 participantes com idade entre 7 semanas e 4 meses com o objetivo de analisar o impacto do posicionamento de bruços dos bebês, o choro e o desconforto foram identificados como fatores centrais para a não adesão ao exercício em decúbito ventral. Esses fatores levam muitas mães a evitarem ou interromperem a prática para aliviar o desconforto dos bebês. Além disso, os autores destacam que essa interrupção pode reduzir o tempo de permanência na posição prona, limitando as oportunidades de estimulação motora nos primeiros meses de vida. Dessa forma, torna-se importante que os pais e cuidadores recebam orientações sobre estratégias para tornar a prática mais confortável, respeitando os limites do bebê e incentivando a realização do *tummy time* de forma gradual e segura.

Na investigação atual apenas 3 dos 17 pais responderam que tinham desafios na prática do *tummy time*, como choro, desconforto do bebê e refluxo. Por outro lado, 14 pais relataram que não tinham dificuldades em realizar o exercício, o que sugere uma melhor tolerância dos bebês à posição em decúbito ventral, bem como um maior nível de

informações sobre os benefícios da prática do exercício. Esses achados evidenciam a importância de fornecer melhores orientações aos responsáveis que demonstram ter dificuldades na realização do *tummy time*, oferecendo estratégias que auxiliem na adaptação do bebê à posição prona e aumentem a confiança dos cuidadores durante a prática. Além disso, o acompanhamento e as orientações dos profissionais de saúde podem contribuir para reduzir inseguranças, esclarecer dúvidas e favorecer a continuidade da prática no ambiente domiciliar, possibilitando que um número maior de bebês seja beneficiado pelos efeitos positivos do *tummy time* no desenvolvimento neuropsicomotor.

Na pesquisa conduzida por Zhang e colaboradores (2022), composta por 411 pais de bebês de 2 meses de idade na cidade de Edmonton, os autores acompanharam os mesmos bebês dos 2 aos 6 meses, analisando seu desenvolvimento e os hábitos dos responsáveis. Os resultados demonstraram que pais com maior nível de escolaridade tendem a adotar práticas mais saudáveis para seus filhos e apresentam maior acesso à informação, favorecendo a estimulação precoce e a incorporação de hábitos benéficos ao desenvolvimento infantil. Na presente pesquisa, observou-se que a maior parte dos responsáveis possuía pós-graduação ou mais, além de relatar conhecimento prévio e realização da prática do *tummy time*. Esses achados corroboram os resultados encontrados por Zhang e colaboradores (2022), sugerindo que um maior nível de escolaridade pode estar relacionado ao maior conhecimento sobre a importância da estimulação precoce e à adoção de práticas que favorecem o desenvolvimento neuropsicomotor dos bebês.

Apesar da amostra reduzida e do perfil relativamente homogêneo dos participantes, o estudo contribui para incentivar a estimulação precoce e aponta a necessidade de pesquisas futuras com amostras maiores e mais diversificadas, visto que, na literatura recente, existem poucos estudos sobre a percepção dos pais diante das dificuldades encontradas durante a realização do *tummy time*. Além disso, a ampliação desse conhecimento poderá contribuir para o desenvolvimento de estratégias educativas voltadas aos pais e cuidadores, favorecendo maior adesão à prática e reduzindo inseguranças relacionadas ao posicionamento em prona. O *tummy time* demanda apenas uma pequena parcela do dia, mas pode proporcionar importantes benefícios para o desenvolvimento neuropsicomotor do bebê, contribuindo para a aquisição dos marcos motores esperados e para a prevenção de alterações posturais e cranianas. Dessa forma, torna-se fundamental ampliar o conhecimento dos pais e dos profissionais de saúde sobre a importância dessa prática, incentivando sua realização desde os primeiros meses de vida de forma segura, orientada e supervisionada.

5 CONCLUSÃO

Com os dados obtidos, foi possível identificar que os responsáveis participantes da pesquisa conhecem e aplicam regularmente a prática do *tummy time*, percebendo benefícios para o desenvolvimento motor dos bebês. No entanto, uma pequena parcela dos participantes relatou dificuldades relacionadas ao desconforto, irritabilidade e refluxo dos bebês durante a realização da prática, evidenciando a necessidade de orientações específicas para auxiliar as famílias na superação desses desafios.

Os resultados reforçam a importância da educação e da orientação dos pais e responsáveis quanto aos benefícios do *tummy time*, contribuindo para a adesão à prática e para a promoção do desenvolvimento motor infantil. Dessa forma, ressalta-se o papel dos profissionais de saúde, especialmente do fisioterapeuta, na orientação dos pais desde os primeiros meses de vida do bebê, fornecendo informações claras sobre a realização da prática, seu tempo de execução e seus benefícios para o desenvolvimento neuropsicomotor.

Além disso, o incentivo à prática do *tummy time* durante as consultas de acompanhamento pode aumentar a confiança dos responsáveis e favorecer sua inclusão na rotina da criança.

Por fim, destaca-se a necessidade de novos estudos com amostras maiores e mais diversificadas, incluindo participantes de diferentes níveis socioeconômicos e de escolaridade, a fim de ampliar o conhecimento sobre a percepção dos responsáveis e os fatores que influenciam a realização do *tummy time*. Estudos futuros também poderão contribuir para o desenvolvimento de estratégias educativas que promovam maior adesão à prática e, consequentemente, favoreçam o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

COSTA, A. C. O. *et al*. Documento científico: a atividade física para crianças em diferentes faixas etárias. São Paulo: **Núcleo de Estudos da Prática de Atividade Física e Esportes na Infância e Adolescência da SPSP**, 2023.

GRACIOSA, M. D. *et al*. Relação entre o tempo de permanência em prono, supino e sentado, e o desenvolvimento motor até seis meses de idade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 26, n. 1, p. 35-43, 2018.

GRECO, A. L. R. *et al*. Ambiente domiciliar e o desenvolvimento motor grosso de um lactente de baixo nível socioeconômico: relato de caso. **Movimenta**, v. 13, n. 1, p. 161-169, 2020.

HEWITT, L. *et al*. *Tummy time and infant health outcomes: a systematic review.* ***Pediatrics***, v. 145, n. 6, e20192168, 2020.

INAMDAR, K. *et al*. *Tummy time tracking: examining agreement between parent recall and direct observation in infants.* ***American Journal of Occupational Therapy***, v. 78, n. 4, 7804185020, 2024.

LEE, D. K.; BARROS, J.; HAUCK, J. *Realistic dosage of tummy time practice during infancy.* ***Medical Research Archives***, v. 9, n. 6, 2021. DOI: 10.18103/2456.

MENDRES-SMITH, A. E. *et al*. *Tummy time without the tears: the impact of parent positioning and play.* ***Journal of Applied Behavior Analysis***, v. 53, n. 4, 2020.

SILVA, B. F. V. *et al*. "*I am afraid of positioning my baby in prone": beliefs and knowledge about tummy time practice.* ***International Journal of Pediatrics***, v. 2023, Article ID 4153523, 7 p., 2023. DOI: 10.1155/2023/4153523.

TECKLIN, J. S. Fisioterapia pediátrica. 5. ed. Barueri: **Manole,** 2019.

WILLIAMS, E.; GALEA, M. *Another look at "tummy time" for primary plagiocephaly prevention and motor development.* ***Infant Behavior and Development****,* v. 71, p. 101839, 2023.

WILTON, S. *et al*. *Wakeful prone "tummy time" during infancy: how can we help parents?* ***Physical & Occupational Therapy in Pediatrics***, v. 40, n. 6, p. 651-668, 2020.

ZHANG, Z. *et al*. *Demographic correlates of movement behaviors in infants: a longitudinal study.* ***Journal of Physical Activity and Health***, Champaign, v. 19, n. 3, p. 177-185, 2022. <http://online.unisc.br/seer/index.php/direito/article/viewFile/1809/1584>. Acesso em: 23 jul. 2021.

ZAVASCKI, Liane Tabarelli; FIGUEIREDO, Matheus Burg de. Possibilidade de dano moral coletivo em matéria ambiental: divergências doutrinárias e jurisprudenciais. **Direito & Justiça Revista de Direito da PUCRS**. Porto Alegre. v. 41, n. 2 (2015). Disponível em: < http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/index>. Acesso em: 05 abr. 2021.